OS MASCOTES DE DELICATESSEN sempre me deixavam desconfortável. Sabe, como um porquinho fofo vestido de chef vendendo costeletas de porco, ou um polvo sorridente vendendo alegremente takoyaki.

"Quero dizer, eles estão se vendendo como comida! Por que estariam felizes com isso? Tipo... é difícil de explicar, mas... parece que esses animais mascotes estão sendo apropriados contra a vontade deles, se é que me entende. Eles são fofos e tudo mais, mas simplesmente não parece certo. Eu meio que sinto... culpa? Sim. Sinto culpa por permitir isso."

"Uau, Hino. Eu não sabia que você realmente pensava nessas coisas."

"Alguns de nós realmente usam nossos cérebros, sabe."

Eu gesticulei com a mão, e Nagafuji seguiu com o olhar. Ela parecia inteligente à primeira vista, mas ninguém nunca a havia elogiado por sua inteligência. Uma vez, nossa professora escreveu "finge saber o que está fazendo" no boletim dela. Naturalmente, seus pais se ofenderam e vieram reclamar na escola. Foi um pouco de escândalo na época. Mas Nagafuji mesma não se importava muito — ela estava ocupada demais jogando Mario Kart comigo durante as férias de primavera.

"Não se preocupe, Hino. Eu te entendo. Mas por enquanto, vamos fazer o nosso melhor para criar um mascote legal!"

"Você não entende nada!"

Como sempre. Mas na verdade eu estava só falando sozinha, então não esperava que ela respondesse.

Quando chegamos em casa da escola (embora, para registro, essa não seja realmente minha casa), os pais da Nagafuji me pediram para ajudar a projetar um mascote para o açougue. Não sei de quem foi a ideia, mas fiquei feliz em colaborar. Afinal, se eu deixasse a tarefa para a Nagafuji, quem sabe que tipo de mascote bizarro eles acabariam criando. Claramente foi por isso que recorreram a mim para ajudar. Eu já conseguia imaginar a Nagafuji tentando transformar o mascote do açougue em um ouriço-do-mar ou algo do tipo. Sem mencionar que ela acabara de desenhar um esboço ridiculamente bom de um periquito por alguma razão.

A mesa do kotatsu estava coberta de papel para desenho e uma verdadeira variedade de marcadores coloridos, quase como se fôssemos crianças novamente. Naquela época, a Nagafuji adorava desenhar imagens de bife salisbury. Com purê de batatas, é claro.

"Alguma ideia?"

"Hmm... que tal Nagafuji-chan, a Vaca?"

"Então, vamos ver."

E*spera, o quê? Você está falando sério?* Mas lá estava ela, olhando para o meu papel de desenho, ansiosa.

"Uhhh... só um minuto."

Eu não tinha realmente pensado nisso, mas comecei a desenhar mesmo assim. Minha mão direita se moveu no piloto automático, criando um desenho do rosto de Nagafuji. Bem, uma versão cartunesca dele, de qualquer maneira.

"Sinto que reconheço isso de algum lugar", murmurou Nagafuji enquanto olhava para baixo.

Vocês não têm pelo menos um espelho? Ou você está tentando dizer que eu sou ruim em desenhar? Aliás, o nome "Nagafuji-chan" não te dá uma pista aqui?! Ah, ela sempre me tira do sério!

Ela estava fingindo ser burra, ou era realmente tão tonta?

Eu estava no ensino fundamental quando percebi pela primeira vez que havia algo de errado com ela — que ela operava em uma velocidade diferente comparada a todos os outros. Ela não era burra, mas fazia tudo no tempo dela. Nesse sentido, ela era muito parecida com a Shimamura, uma amiga que fizemos no início deste ano. Na verdade, talvez tenha sido assim que nos tornamos amigas dela tão rapidamente. Ao contrário da Shimamura, no entanto, Nagafuji não era muito capaz de ler o ambiente ou entender as nuances. Sim, ela podia ser um verdadeiro desafio às vezes.

Eu olhei para baixo para minha obra-prima, depois para a pessoa real, e me ocorreu que eu a desenhei sem seus óculos. Evidentemente, essa era a Nagafuji "normal" na minha mente.

"Quando você voltou a usar óculos mesmo?"

"No sexto ano. Foi quando minha visão despencou."

Eu me pergunto onde foi parar. Talvez tenha escapado uma noite enquanto ela dormia, e então ela rolou e a esmagou sem perceber. Ou talvez tenha bocejado com muita força e tudo tenha escorrido em uma única lágrima. Esse tipo de anedota boba combinava perfeitamente com sua personagem.

Mas devia ser o sexto ano mesmo. Parecia que eu conhecia a Nagafuji Sem Óculos muito mais do que essa nova versão de óculos. Mas de vez em quando

ela tirava os óculos por um tempo, aparentemente quando desse na telha. *O que isso deveria significar?*

“Então, o que isso tem a ver com o nosso açougue?”

“Na verdade, nada... Ok, que tal esse?”

Peguei um marcador azul e comecei a desenhar uma caricatura fofa de uma garota com cabelos azuis brilhantes, sorrindo e segurando um croquete fumegante. Todo mundo sempre a olhava quando ela passava pela loja, então isso tinha que contar para alguma coisa, certo? Por outro lado, talvez fosse mais fácil contratá-la diretamente.

"Poderíamos chamá-la de Croquette-chan... Sim, isso soa bem. Vamos com isso."

"Espera, espera, espera! Não deveria pensar primeiro?! E que tipo de nome é esse?!"

“Então, hora do seu prêmio.”

Naturalmente, ela me ignorou, mas não importa. *Claro que eu quero um prêmio! Me dá, me dá! Espera... por que isso parece tão familiar?*

“Você não vai beijar minha testa de novo, vai?”

“Quer dizer que você não quer?”

Ela realmente acha que isso é uma recompensa? Que estranha. Tipo, ela acha que um beijo é mais valioso do que um lanche ou algo assim? Ha ha ha. Sério, que estranha.

"Então tá. Pode ir."

Eu devia ser bem estranha também, considerando que estava disposta a aceitar a oferta dela. Oh, bem. Rastejei para fora do kotatsu e levantei minha franja. Então ela se aproximou de quatro e se inclinou para frente. Com uma mão, segurou meu queixo; com a outra, colocou sobre a minha, prendendo-a entre a pele quente e o frio do chão.

Então ela se inclinou, e pela inclinação, comecei a me perguntar se talvez ela planejava me beijar nos lábios. Meu coração acelerou. Mas não — ela ergueu o queixo para cima e plantou um beijo na minha testa, como prometido. Então percebi que nossas pernas estavam entrelaçadas... quase como se ela pudesse me empurrar para o chão e fizesse o que bem entender comigo.

Vários segundos se passaram enquanto mantínhamos essa posição, como duas estátuas de mármore ou algo do tipo. Tudo o que eu conseguia ver era a pele de

seu queixo e garganta, que mais se assemelhava a porcelana. *Oi? Você adormeceu aí em cima ou o quê?* Não que eu soubesse exatamente quanto tempo um beijo deveria durar, mas ainda assim. Ela estava obrigada a permanecer por um certo período de tempo?

"Vocês duas são bem próximas."

Saltei no mesmo momento ao ouvir essa voz — tão forte que fiz Nagafuji morder o lábio.

"Ah!" Segurando a boca, ela se afastou de mim.

Era a mãe de Nagafuji, acabando de entrar da loja. Ela nos olhou com um sorriso estranho, e eu me senti mortificada por ter nos pego no ato. Mas por mais que eu quisesse me afastar, a mão de Nagafuji ainda estava repousada sobre a minha, então eu estava presa.

A Sra. Nagafuji foi até o kotatsu, sentou-se e ligou a TV. Sua filha também se virou para a TV. *Como vocês conseguem agir tão normalmente!?*

"Não se esqueçam de arrumar tudo isso," disse a Sra. Nagafuji para nós.

"Sim, mãe," respondeu Nagafuji. Então ela se virou para mim.

Eu tinha tantas coisas para gritar com ela, mas com a mãe dela na mesma sala, eu sabia que tinha que me conter. Em vez disso, minha frustração crescia até...

"Você acha que somos próximas?", ela me perguntou.

"Não sei... Não somos apenas amigas normais?", respondi, ainda lutando contra minha vergonha. *Mas por algum motivo... Nagafuji meio que... pareceu decepcionada...?*

Caramba, tire esses malditos óculos para que eu possa ver o seu rosto de verdade.

"Bem... ok... claro, somos próximas. Uma quantidade normal de proximidade", eu disse, corrigindo minha resposta anterior.

Apenas um par de amigas próximas normais. Estava começando a soar como um oxímoro. Eu poderia esclarecer mais, mas não vi sentido nisso.

Infelizmente, eu não pude ver a reação de Nagafuji a isso também... tudo por causa desses óculos estúpidos.